

Nós Matamos o Cão-Tinhoso!

Resumo: O narrador Ginho e outros meninos decidem dar fim a um cão velho e ferido (o “cão tinhoso”) que perambula pela vila. No início, Honwana descreve a monotonia do cotidiano infantil, aos poucos substituída por atos de violência e crueldade. As crianças encaram o sacrifício do cão como um rito de passagem, refletindo a tensão e a injustiça social subjacentes.

Análise crítica: O conto expõe a opressão colonial e os valores patriarcais da sociedade moçambicana. O cão de “olhos azuis” é figura ambígua e enigmática – alguns o vêem como símbolo do colonizador, outros do colonizado/assimilado – e sua morte impõe aos personagens um dilema moral. A história evidencia o medo e o preconceito internalizados nas crianças diante do outro (o cão) e denuncia a submissão do povo moçambicano às injustiças, inclusive racistas. A atitude indiferente da maioria das crianças (exceto Isaura, a garota marginalizada que protege o cão) destaca a alienação social. Como nota a análise, o conto “denuncia a submissão e o esgotamento do povo moçambicano, incapaz de reagir mesmo contra injustiças brutais”.

Simbolismos: O próprio **cão tinhoso** é o grande símbolo do conto. Seu olhar humano e ferido perturba todos, sugerindo leituras em que ele representa o peso da violência histórica (colonialismo, racismo). Isaura – a menina excluída que cuida do cão – simboliza empatia e resistência alternativa. Também é simbólica a facilidade de acesso das crianças às armas dos pais, sugerindo que a violência é parte do mundo adulto. Em suma, o cão encarna as “injustiças silenciadas” do sistema colonial e seu sacrifício evoca o ciclo de violência imposto às minorias.

Dina

Resumo: Em um dia extenuante de trabalho na *machamba* (roça), Madala, um velho adoentado, labuta sob sol escaldante. Durante o almoço (a “dina”), um capataz branco abusa da filha de Madala, Maria, provocando indignação entre os trabalhadores jovens. Eles querem reagir, mas esperam a palavra de Madala para liderar a revolta. No final, sem mudança aparente, Madala volta resignado ao trabalho enquanto a tensão permanece no ar.

Análise crítica: O conto dramatiza a exploração colonial das terras e dos trabalhadores africanos: o capataz impõe uma disciplina quase militarizada e comete abusos sexuais, o solo é expropriado e a vida local desmorona. Honwana expõe a violência estrutural do colonialismo – verbal, física e sexual – como parte do cotidiano de Madala e de sua família. O conflito central (jovens trabalhadores contra o capataz) funciona como metáfora da luta entre moçambicanos e dominadores portugueses. A passividade inicial de Madala (sua aparência curvada, silêncio diante da violência contra a filha) sugere décadas de opressão que amansaram os oprimidos. A análise ressalta que “Madala poderia liderar a revolta...

mas sabe que a aniquilação do colonialismo não se dá por reações intempestivas” – indicando uma sabedoria silenciosa dos mais velhos.

Simbolismos: O próprio título “*Dina*” (que em moçambicano significa “almoço”) remete à ideia de uma refeição sagrada. Em particular, o momento do almoço com a violação de Maria carrega forte simbolismo religioso: Madala é tratado quase como um mártir cristão, ofertando silêncio e sacrifício pela filha. Como apontam as leituras críticas, “pode-se ler o conto em chave bíblica e a atitude de Madala como um gesto sacrificial de poupança de vida de inocentes; os nomes Madala e Maria convidam a isso, bem como a evocação parodística da eucaristia na pausa para o almoço (‘dina’). Outro símbolo importante é o sonho do mar que Madala tem no fim, em alusão ao velho do mar de Hemingway: ele almeja um horizonte livre além da opressão, mas permanece preso à “machamba”. Assim, o almoço (dina) torna-se um momento de comunhão invertida, e o mar simboliza a esperança teimosa de liberdade.

A Velhota

Resumo: Um narrador negro “assimilado” é espancado brutalmente por um soldado da polícia colonial sem motivo claro. Humilhado e inconsciente, ele volta para casa sob o olhar solidário de sua mãe (“a Velhota”). Em casa, encontra conforto no abraço materno, chorando em silêncio enquanto sua mãe o ampara. O conto termina com o garoto abraçando a mãe, simbolizando refúgio e esperança após a violência.

Análise crítica: O episódio expressa o racismo institucional do regime colonial: a agressão física gratuita revela o poder arbitrário do colonizador sobre o nativo. O narrador “após ter sido vítima de agressão física e moral por parte de um soldado da polícia colonial, passa por reflexão sobre sua impotência frente ao domínio português”. A história enfatiza o sentimento de inferioridade forjada nos assimilados; o personagem se vê “elemento estranho e ridículo” na sociedade dos brancos, forçado a aceitar a violência sem reagir. O tema central é o racismo e a condição do indígena “assimilado”, que aprende pela dor a desigualdade injusta. O silêncio do menino diante do espancamento e sua busca por consolo evidenciam a “revolta silenciosa frente à violência e humilhação impostas pelo poder colonial”.

Simbolismos: A figura da **velhota** – a mãe carinhosa – é o principal símbolo positivo. Seu abraço ao filho humilhado representa proteção, amor incondicional e a esperança de dias melhores. Como observa a análise, ao final o narrador “acaba buscando conforto no abraço da velhota, esperançoso de que, no futuro, a situação haveria de melhorar”. Assim, a velhota simboliza a resistência do afeto familiar diante da opressão, garantindo a dignidade do filho apesar da brutalidade colonial. Por outro lado, o soldado branco agressor encarna o símbolo da brutalidade colonial sem rosto: sua violência gratuita representa a injustiça sistêmica imposta ao colonizado.

As Mão dos Pretos

Resumo: Um garoto moçambicano indaga a parentes e vizinhos: “por que os negros têm as palmas das mãos brancas?”. Diversas pessoas dão explicações superficiais (religiosas ou científicas) que provocam risadas, mas nenhuma o satisfaz. Apenas no final, sua mãe intervém e transmite ao filho a sabedoria tradicional: as diferenças (como a cor da pele) não tornam ninguém inferior.

Análise crítica: Este conto é uma crítica direta ao **racismo** e ao preconceito colonial. A curiosidade da criança revela a naturalização de explicações discriminatórias: as respostas ridicularizam o negro (como se fosse “impuro” ou “inferior”) e propagam o ódio simbólico. A ampla circulação dessas lendas populares sobre a cor do corpo demonstra “a amplitude do preconceito e da violência” sofridos pelos negros na sociedade colonial. A fala final da mãe – que ressalta que “os pretos não são inferiores, mas iguais” – desconstrói o mito racista e reitera a identidade africana de valor igualitário. O conto denuncia, assim, como o racismo se insinua no imaginário coletivo por meio de explicações falsas, e aponta a educação materna e a tradição oral como forças contrárias que reafirmam a igualdade humana.

Simbolismos: O símbolo central é a **cor das mãos** em si. O fato de serem “brancas” sugere de início uma maldição ou grande injustiça imposta à pele negra, mas é justamente esse detalhe físico usado para reforçar visões distorcidas de “pureza” e “inferioridade”. A explicação materna subverte o simbolismo racista: as palmas brancas passam a ser símbolo de igualdade e humanidade compartilhada. A própria figura da mãe sábia – “doadora de conhecimento” – simboliza a sabedoria tradicional africana que resiste ao colonialismo. O conto se baseia na personificação da ignorância dos preconceituosos (“muitos não sabem”) e no ato de ensinar doula materna como ato de libertação simbólica.

Inventário de Imóveis e Jacentes

Resumo: Um menino moçambicano acorda sem sono e resolve listar todos os bens de sua casa: cômodos, móveis e objetos de uma típica família “assimilada” (pai, mãe e oito filhos). Descreve em detalhes colchões, revistas estrangeiras, livros, mesinhas etc., revelando a estrutura doméstica. Esse inventário noturno expõe a situação de imobilidade da família: pessoas e coisas se igualam na pobreza remediada, refletindo a estagnação do país sob o domínio colonial.

Análise crítica: A descrição da casa e do lar dos assimilados é o eixo da narrativa, mostrando como a cultura do colonizador é absorvida pela família em busca de “civilidade”. Ainda que pobre, a casa exibe elementos do padrão europeu (colchão de sumaúma, revistas Life, rádio), evidenciando o esforço de assimilação. Entretanto, fica claro que esse conforto básico é limitado: “embora a pobreza seja evidente, a família vive num aparente conforto básico adequado aos assimilados, os quais não têm acesso às mesmas condições materiais dos portugueses”. O autor expõe os efeitos da desigualdade racial: a família tenta

provar ter status social (“ser civilizada”), mas a completa igualdade com os colonos é impossível. O ambiente descrito torna-se símbolo da luta contra o preconceito racial – a busca por um lugar de prestígio colhe resistência. Esse poder do espaço doméstico sublinha temas como desigualdade, aspiração social frustrada e identidade africana em confronto com a imposição cultural colonial.

Simbolismos: O próprio **inventário** é simbólico: ele trata a listagem de bens como um “exercício de invenção da realidade e de si mesmo pela criança”. A moradia em cinco cômodos apertados, recheada de objetos europeus, mas sempre aquém do ideal branco, simboliza a condição de inferioridade dos assimilados. Destaque especial aos **livros escondidos atrás da cortina** na sala: eles representam o saber libertador e a resistência intelectual (“ampliar o conhecimento”, “abortar ideias impostas pelo colonizador”). Em contrapartida, as revistas estrangeiras (Life, Time, O Cruzeiro) tornaram-se meros ornamentos rejeitados pelo pai, simbolizando a cultura massificada do dominador que o colonizado já não precisa engolir. Assim, a casa toda é um grande símbolo da tentativa, frustrada – de ascender socialmente sob o olhar opressor do colonialismo.

Papá, Cobra e Eu

Resumo: Ginho, um garoto em puberdade, relata uma tarde de sábado na fazenda. Ao encontrar um galinheiro com uma galinha morta, ele e seu irmão Nandito descobrem uma cobra mamba escondida ali. Com a ajuda de um funcionário da casa (Madunana), eles matam a cobra. Quando o pai chega em casa, surge o vizinho branco Sr. Castro, dono do cão mordido pela serpente, exigindo indenização de forma ameaçadora. O pai, “assimilado” e consciente da condição dos nativos, conversa depois com Ginho, que lhe pergunta por que rezam em moçambicano após o incidente. O pai explica que precisam de força e esperança. No fim, pai e filho sorriem da situação, reforçando seu laço e a esperança de um futuro melhor.

Análise crítica: O conto destaca a cumplicidade paterno-filial contra o domínio colonial. O fato de uma cobra agressiva invadir o lar simboliza a intrusão constante do perigo externo (a opressão). A abordagem do pai, calmo e sábio, inspira Ginho. Como observa a análise, o texto mostra “sinais de amadurecimento do jovem Ginho, que começa a adquirir consciência da realidade social e política em que está imerso, mantendo a esperança da chegada de um novo tempo”. O narrador passa de observador inocente a alguém que percebe o racismo de Sr. Castro e a própria inferioridade forjada (“suposta superioridade europeia”). O temor do pai é percebido como fruto da educação colonial, mas sua oração final aponta para a fé no futuro e a necessidade de união familiar como resistência.

Simbolismos: A **cobra mamba** simboliza o perigo oculto e a violência inesperada dentro do “lar”, parecido com as ameaças do sistema colonial que podem surgir a qualquer momento. Já o **abraço e a oração em língua ronga** representam a reafirmação da identidade cultural africana. O pai interrompe a leitura da Bíblia para rezar em ronga, reforçando que a fé tradicional e a língua materna são fontes de força do povo

moçambicano. Como comenta a análise, essa cena expressa a transição do “ler a Bíblia” (imposto colonial) para “rezar em nosso idioma”, significando a retomada do poder espiritual e a esperança de mudança. Por fim, o laço de cumplicidade (o título “Papá, cobra e eu”) sublinha o apoio familiar como símbolo de resistência às injustiças.

Nhinguitimo

Resumo: O conto descreve o ambiente rural no fim da estação seca. Primeiramente, o narrador observa bandos de **rolas** (pombos) estudando as plantações de milho. De repente, chega o *nhinguitimo* – o forte vento sul das monções – que escurece o céu e derruba pés de milho no campo. Durante a noite, há uma cena em que fazendeiros ricos, trabalhadores do campo e até prostitutas se misturam no bar local, discutindo sobre o futuro. Um personagem chamado Vírgula Oito profetiza: “Quando chegar o *nhinguitimo*, tudo vai mudar. As machambas grandes que eles fazem vão ficar destruídas pela fúria do vento. As nossas machambas continuarão a amarelecer”. Assim, mostra-se que a tempestade vindoura poupará os pequenos agricultores locais, enquanto os grandes plantadores coloniais serão atingidos.

Análise crítica: “Nhinguitimo” aborda temas de conflito agrário e esperança de mudança social. A chegada da tempestade funciona como metáfora da revolta contra os opressores: ela destrói as lavouras dos fazendeiros brancos mas preserva as dos camponeses, sugerindo uma inversão de poder. O encontro noturno, um raro convívio entre colonos poderosos (administrador, médico, chefe dos correios) e lavradores, evidencia as tensões sociais. Como nota o material, os trabalhadores “abandonavam os acampamentos e iam abancar no salão da frente da cantina do Rodrigues, onde só eram admitidas pessoas da nossa melhor sociedade”. A profecia de Vírgula Oito sinaliza o anseio de revolução: ele acredita que o “vento do sul” trará justiça, destruindo o sistema colonial. No geral, o conto enfatiza os temas de resistência camponesa, crítica ao poder colonial e o desejo de autonomia frente à opressão.

Simbolismos: O próprio “**nhinguitimo**” (vento sul) é o grande símbolo climático e social. Este forte vento monçônico, comum na África tropical, representa a purificação e a mudança radical. Como explica a análise, “o título do conto destaca um fenômeno climático natural, O forte vento marítimo que marca a chegada das chuvas”. Quando o *nhinguitimo* irrompe, ele varre a poeira e derruba o milho – simbolizando a derrubada dos velhos poderes. As **rolas** (pombos) descritas no início têm caráter profético: seu canto monótono e vigilante sugere a fala silenciosa dos camponeses, avisando da chegada do perigo. Finalmente, a frase “Quando chegar o nhinguitimo tudo vai mudar” torna-se quase um refrão simbólico de revolução, impregnando o ar de esperança. A oposição entre “machambas grandes” versus “nossas machambas” na profecia personifica a luta entre colonos e camponeses, transformando a tempestade num presságio de justiça social.